

BOFF, Leonardo, *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*, São Paulo, Ática, 1999³, 341 pp.

Leonardo Boff é um renomado teólogo brasileiro, considerado um dos principais formuladores da Teologia da Libertação. Atualmente é professor de Ética e Filosofia da Religião na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É autor de uma vasta lista bibliográfica em obras publicadas.

Sua obra, *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, mereceu o prêmio de Melhor Ensaio Social de 1995, conferido pelo Departamento Nacional do Livro, do Ministério da Cultura. O livro está estruturado metodologicamente em **11 capítulos, introdução e conclusão**.

O mérito do autor está em sua fundamentação sistemática atual, articulada e clara com os dados de outras áreas das ciências, o que permite sustentar sua principal tese que norteia toda a sua reflexão: o *paradigma ecológico*.

O autor parte do problema da crise ecológica concretizada em duas dimensões que ele considera como realidades agredidas e ameaçadas, que são a vida dos pobres e a vida do planeta. Diante dessas realidades, sua reflexão toma a questão ecológica como um novo paradigma, o que ele denomina como sendo aquele conjunto de saberes teóricos e práticos, que possibilitam uma nova forma de organizar a totalidade de relações dos seres humanos entre si, com a natureza e com o seu sentido no universo.

Uma das possibilidades de se viabilizar essas novas exigências passa também pela questão teológica. Nesse sentido, L. Boff articula a problemática ecológica com a perspectiva da Teologia da Libertação, visto que o pobre é o ser mais ameaçado, e que mais sofre as conseqüências da crise ecológica. Suas causas estão no modelo de desenvolvimento civilizacional, neoliberal, ilimitado, linear e excludente, que se mostra, por todos os lados, insustentável. Ou salvamos a Terra ou todos perecemos. Para isso necessitamos apreender a nova cosmologia que já demonstra sua emergência em inúmeras vertentes.

Seguindo o esquema do livro, procuramos, minimamente, dar conta daquelas idéias desenvolvidas pelo autor em cada capítulo, nesta sua belíssima obra.

Cap. I: A era ecológica: a volta à Terra como pátria/mátria comum

O capítulo inicia com a demonstração de dados que revelam a grave crise que atinge a vida do planeta: a) a imensa massa de pobres e excluídos, que é de um bilhão de pessoas. A fome é a maior causa da morte (60 milhões anualmente; 15 milhões abaixo de 15 anos); b) a crise ecológica que manifesta na extinção das espécies de vida e em desastres ecológicos. São dados que refletem a falência na forma como o modelo de desenvolvimento está estruturado e organizado, pondo em crise todo o planeta.

Diante desse quadro, o autor procura aprofundar um novo caminho que possibilite a construção alternativa de outro modo de sociedade. Para isso ele apresenta o conceito de ecologia.

Há muitas maneiras de conceituar a ecologia. Mas, o melhor modelo ecológico, é aquele que estabelece uma nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e de suas relações, que se estende numa dimensão planetária e cósmica, considerando, sobretudo, os pobres.

O autor fundamenta sua argumentação utilizando-se dos dados das ciências como a astrofísica, a física quântica, a biologia..., que possibilitam formular a definição da concepção de cosmogênese. Através dos dados empíricos dessas ciências, tem-se a constatação da interrelacionalidade de todas as coisas numa cadeia em processo de evolução cósmica.

A velha lógica da razão instrumental deve ceder lugar à lógica da identidade, da diferença, da dialética, da complementaridade-reciprocidade e dialógica.

Do ponto de vista humano, o antropocentrismo deve ser redimensionado numa perspectiva de comunhão na totalidade de inter-retro-relacionamentos com o todo. Nesta ótica, o autor coloca a valorização do ecofeminismo. Ele vem reparar aquela supremacia imposta pelo antropocentrismo androcêntrico machista e pragmático-utilitarista. O homem e a mulher não perdem seu lugar no conjunto da criação, mas devem rever seu modo de relacionar-se nele.

O paradigma ecológico é essa tentativa integradora e totalizante de volta à Terra como pátria/mátria comum onde todos se sintam filhas e filhos da grande Mãe-Terra.

Cap. II: Uma cosmovisão ecológica: a narrativa atual

Neste capítulo o autor tem como finalidade fundamentar e desenvolver a compreensão que sustenta a nova cosmovisão ecológica. Para sua formulação, ele parte da perspectiva holística do universo. Seus dados mais relevantes vêm das formulações da nova física quântica, da astrofísica e da biologia. A partir dessas novas abordagens empíricas, chega-se a uma nova compreensão da formação do universo. Estabelece a teoria do processo evolutivo. Disso o autor desenvolve os termos de cosmogênese, biogênese e antropogênese, que vêm ao encontro de uma melhor compreensão da cosmologia moderna, que tem, como base, uma cosmovisão holística da realidade.

Na perspectiva do autor, o paradigma ecológico é a possibilidade de englobar e articular os saberes atuais na elaboração da nova cosmovisão. Esta surge em contraposição àquela cosmologia clássica, oriunda da física e da matemática, que definia o universo como algo estático, onde cada coisa está desligada da outra e do conjunto do todo.

A Terra não é apenas um lugar que possui formas de vida. Ela é vida (gaia) que vem de um longo processo de evolução.

Nessa nova compreensão da cosmologia ecológica, a vida ganha profundidade e interioridade, que é fruto de um longo processo de auto-organização, autonomia, adaptabilidade, produção e autotranscendência (conscientização).

Cap. III: A crise ecológica: a perda da re-ligação

A crise se reflete nos casos de violência contra a vida, dos pequenos, dos pobres e da natureza. A grande ferida que sangra é resultado de um longo processo de desenvolvimento civilizacional (econômico-político) de modo ilimitado e linear. Nas atuais circunstâncias este modelo vem se revelando contraditório e ultrapassado. É um modelo fortemente sustentado pela cosmovisão dualista. *“Separou-se capital do trabalho, trabalho do lazer, pessoa da natureza, homem da*

mulher, corpo do espírito, sexo da ternura, eficiência da poesia, admiração da organização, Deus do mundo. E um dos pólos passou a dominar o outro. Assim surgiu o antropocentrismo, o capitalismo, o materialismo, o patriarcalismo, o machismo, o performancismo (fordismo, taylorismo), o secularismo e o monoteísmo monárquico e atrinitário” (p. 109).

Diante desse imperialismo genocida, o autor propõe o caminho da efetiva re-ligação do conjunto dos relacionamentos humanos. Isso se daria na realização de uma experiência fundacional que possibilite um novo modo de ser, ou seja, uma nova espiritualidade, que é aquela dimensão profunda que sintetize a re-ligação de todas as dimensões com as mais diversas instâncias da realidade planetária, cósmica, histórica, psíquica e transcendental. Isso levaria a uma transformação subjetiva e objetiva das realidades que edificam o conjunto dos relacionamentos humanos (religião, ciência, economia, política...).

Cap.IV: Todos os pecados capitais antiecológicos: a Amazônia

Neste capítulo, L. Boff critica as práticas irracionais e hediondas que o modelo de progresso engendrou, especificamente, na região da Amazônia. Ela tem sido alvo da mais demente ação destruidora pela intervenção do homem branco que aí chegou com sua prepotência capitalista. *“Aí emerge sem rebuços o gigantismo do espírito da modernidade, o racionalizado do irracional e a lógica cristalina do sistema. Aí se mostra também a clara contradição entre capitalismo e ecologia. Acrescentar a sigla eco ao capitalismo ou ao tipo de desenvolvimento por ele projetado – ecocapitalismo e ecodesenvolvimento – apenas mascara a perversidade intrínseca do capitalismo e de seu paradigma de desenvolvimento” (p. 135).*

O desastre (crime) é ainda maior e irreparável pelo genocídio de culturas e povos indígenas, que aí viviam em harmonia com a natureza desde muito tempo. *“Na região amazônica pré-colombiana viviam cerca de 2 milhões de indígenas (segundo o historiador Pierre Chaunu havia por volta de 80-100 milhões de habitantes em toda a América do Sul e 5 milhões no Brasil). (...) No Brasil Pré-Cabralino (antes de 1500 com a chegada/invasão de Cabral) havia cerca de 1400 tribos, 60% delas na parte amazônica” (pp.138-139).*

A região amazônica é um dos exemplos de refutação do modelo de desenvolvimento da modernidade, que, por sua lógica

neoliberal, destrói e mata os modos de vida que não se enquadram em sua forma de organização.

Cap. V: Teologia da Libertação e Ecologia: alternativa, confrontação ou complementaridade?

Neste capítulo, L. Boff procura relacionar o discurso ecológico com a perspectiva fundante da teologia da libertação.

Sua definição é a de que, tanto um como o outro, são complementares. Esta complementaridade se efetua por assumirem algo intrinsecamente correlatos entre si. Ambos partem de uma causa em comum, a vida ameaçada dos pobres e do planeta. Tanto a situação de vida dos pobres como a do planeta gritam por libertação integral.

O discurso ecológico oferece um horizonte de libertação mais amplo, que precisa ser considerado pela teologia, e que se relaciona com o método teológico da teologia da libertação. O discurso ecológico reforça amplamente a crítica social, que vai ao encontro de uma das bases da reflexão da teologia da libertação. Também na perspectiva ecológica o pobre é o sujeito de libertação, por ser ele o ser mais ameaçado da natureza com a crise atual.

Para o autor, *“a teologia da libertação deve assumir do discurso ecológico a nova cosmologia, quer dizer, a visão que entende a Terra como um superorganismo vivo articulado com o inteiro universo em cosmogênese”* (p. 175).

L. Boff coloca duas questões consideradas fundamentais na atual conjuntura: a) *“que futuro terá o planeta Terra e a humanidade que é sua expressão?”* b) *em que medida o Ocidente com sua tecnociência e sua cultura, em que medida o cristianismo com sua bagagem espiritual garantem esse futuro coletivo?”* (p.176).

Frente a essa realidade, o autor fala da necessidade de aproximação entre Norte e Sul, no sentido de superação das desigualdades, em nome da salvação do planeta.

Teologicamente, abre-se o desafio de efetuar, verdadeiramente, um macro ecumenismo.

Cap. VI: O resgate da dignidade da Terra

L. Boff propõe como condição para se efetuar um verdadeiro resgate da dignidade da Terra, a necessidade de se construir uma nova

civilização que seja planetária e cósmica. Isso implicaria uma série de transformações fundamentais, o que ele entende como sendo transformações *“nas mentes das pessoas e nos padrões de relação para com o inteiro universo. Para um novo paradigma, pede-se uma nova linguagem, um novo imaginário, uma nova política, uma nova pedagogia, uma nova ética, uma nova descoberta do sagrado e um novo processo de individuação (espiritualidade)”* (p.179). É um processo de dentro para fora e de fora para dentro, que possibilitaria a efetivação da verdadeira cosmologia ecológica e civilizacional.

Ao longo deste capítulo o autor desenvolve o que se compreende por estas transformações fundamentais.

A importância do resgate do sagrado, no seu sentido mais amplo, é condição para inaugurar uma nova aliança de respeito com a dignidade da Terra. O sagrado remeteria àquela experiência fundadora de totalidade, de alteridade e de respeitabilidade, oferecida pela qualidade mesma do conjunto de todas as coisas, que nos devolveria um reencantamento do universo.

Necessidade de efetuar uma pedagogia para a globalização que corresponda a uma nova cosmologia. Isso implica numa nova subjetividade que perpassa cada um e todas as instâncias sociais. Para isso, o autor elenca 7 procedimentos que possibilitariam uma nova educação pedagógica, comportamental e civilizacional.

Uma volta à permanente mensagem dos povos originais. A crise do nosso modelo civilizacional revela nossos próprios limites. Para os povos originais, a terra não é um simples meio de produção. É um prolongamento da vida e do corpo, a grande mãe, que tudo gera, alimenta e acolhe. Com eles aprendemos o verdadeiro sentido e valor do Sagrado, que tudo envolve e preenche. Vale dizer que aquilo que sempre foi considerado pelo homem branco como arcaico se revela, hoje, como profundamente moderno e em sintonia com as novas exigências da cosmologia atual.

A nova ordem ecológica mundial e seus cenários implicam uma intrínseca ligação entre justiça/injustiça social com justiça/injustiça ecológica. Nisto está fundamentalmente o reordenamento dos mecanismos políticos e econômicos mundiais.

Marcar a vida a partir da ilimitada compaixão e da co-responsabilidade. A moral convencional é utilitarista e antropocêntrica. Para a sustentação do paradigma ecológico, passam a contar como

valores o princípio responsabilidade e o princípio compaixão na defesa e na promoção da vida a partir daqueles mais ameaçados.

A força curativa da ecologia interior. Aqui entra a dimensão da espiritualidade e da mística, entendida, não no sentido estritamente religioso, mas como aquela dimensão que nos re-liga com a totalidade. Assim, a política e a técnica estão submetidas à ética, e a ética, por sua vez, demanda uma espiritualidade e uma mística.

Cap. VII: Tudo em Deus, Deus em tudo: A Teosfera

Como fica a compreensão de Deus nesta nova cosmologia? Para L. Boff, a experiência de Deus deve ser entendida como sendo uma realidade aí presente e que envolve a totalidade de todas as coisas, o que ele vai denominar de panenteísmo. Deus deve emergir naturalmente de dentro da experiência global e holística que temos do universo e de nós mesmos dentro dele. Sua fundamentação vai ao encontro daquelas contribuições que partem da realidade quântica, do processo revolucionário cósmico, do caráter processual e escatológico da natureza, da sacramentalidade de todas as coisas e do panenteísmo, que configuram e sustentam a narrativa cosmológica contemporânea.

Nesse sentido, a imanência e a transcendência do ser de Deus não são algo vindo de fora, mas se encontra na transparência de todas as coisas e que está envolvido no próprio princípio cosmogênico do universo. *“Deus não se identifica com o processo cósmico (um não é simplesmente o outro: permanece a alteridade relacionada) mas se identifica no processo cósmico (ganha concreção, revela-se e dá a conhecer a sua alteridade relacionada). Igualmente devemos dizer: o universo não se identifica com Deus (um não é o outro) mas se identifica em Deus (ganha nele seu verdadeiro ser e sentido)”* (p. 227).

Na mesma lógica, o autor fala do Cristo e do Espírito como realidades cósmicas que vão lentamente emergindo até ganhar concreção.

A própria realidade da Trindade fica mais bem compreendida dentro da nova cosmologia, onde tudo está interligado numa teia de interdependência e inclusões. A Trindade emerge como uma das representações mais adequadas do mistério do universo. Tanto um como o outro se explicam mutuamente. A matéria e o Espírito se fundem numa única realidade. Deus em tudo, tudo em Deus, a Teosfera.

Cap. VIII: “O Espírito dorme na pedra...” : habita o cosmos

Neste capítulo o autor situa o espírito, em suas várias modalidades, como uma realidade dinâmica do próprio movimento do universo. Entender o cosmo como cosmogênese, nos permite compreender a realidade como campos energéticos e teia intrincada de relações, é situar-se dentro daquela experiência que fez surgir, em todas as tradições culturais da humanidade, a categoria espírito.

L. Boff retoma aquela compreensão bíblica de espírito (*ruach*) no sentido de força cósmica originária que tudo pervade.

No ser humano, espírito define aquela totalidade, na medida em que expressa um modo de ser vivo e consciente, capaz de uma totalidade, de comunicação, de inteligência, de sensibilidade e de liberdade. Aquilo que define (essência e ethos) do ser e do agir humano.

Nessa perspectiva, o Espírito Divino é a expressão infinita do modo mesmo de ser do humano (feitos à sua imagem e semelhança Gn 1,26). Deus emerge como Espírito Divino, na e com a criação.

O autor toma o cuidado de não diluir nesse processo a Trindade. Ela é comunhão (pericorese) das três pessoas: Pai/Mãe, Filho e Espírito. Toda a criação vem marcada pela presença trinitária. Deus em Espírito trinitário perpassa e envolve toda a criação como *Espiritus Creator*.

“Não somente o masculino através do homem-Jesus foi assumido por Deus mediante o Filho e assim foi divinizado, mas também o feminino através da mulher-Maria foi assumido por Deus mediante o Espírito e foi também divinizado. Masculino e feminino, juntos à imagem creacional de Deus no universo (cf. Gen 1,16), chegam à sua destinação suprema: sujeitos aos quais Deus se autocomunica totalmente e por onde a história humana começa a pertencer, definitivamente, à história de Deus” (p.263).

Cap. IX: “Rache a lenha... eu estou dentro dela”: O Cristo Cósmico

Da mesma forma que o Espírito, o Cristo foi emergindo de dentro da criação até ganhar rosto concreto em Jesus de Nazaré, e aquele em Maria. O princípio crístico e espiritual são realidades integrantes da criação.

Essas novas categorias exigem uma superação do antropocentrismo reducionista comum nas cristologias.

Falar do Cristo Cósmico é uma exigência de adequação à nova era cosmológica. Isso porque *“uma das conquistas empíricas mais seguras da moderna cosmologia é entender o cosmo como cosmogênese e a antropologia como antropogênese. Tudo se encontra num processo de gênese e gestação”* (p.270). Neste movimento, a cristologia se situa em cristogênese (princípio crístico). É sempre uma dialética. O crístico se coaduna no cristológico, por causa da encarnação do Filho. Da mesma forma, ocorre a passagem da cristogênese para o Cristo da fé, e daí ao Jesus histórico, que por sua vez está ligado à história do universo. L. Boff situa a encarnação como um processo ainda em curso, até verbificar o inteiro universo e introduzi-lo no Reino da Trindade.

O autor salienta que não se pode falar do Cristo Cósmico sem relacioná-lo com o Cristo crucificado. Da mesma forma que a ressurreição deve ser compreendida *“como aquela realidade que deslanchou todo o processo de descoberta do significado cósmico, histórico e antropológico de Cristo. Mas a ressurreição só entrega sua capacidade iluminadora quando entendida no transfundo da cruz e da paixão de Cristo. Se a ressurreição não for a ressurreição do Crucificado e com ele de todos os crucificados da história cosmogênica (seres humanos e todos os demais), será um mito a mais de exaltação vitalista da vida e não resposta ao drama deixado pela evolução”* (p.277).

Cap. X: Eco-espiritualidade: sentir, amar e pensar como Terra

Neste capítulo, o autor destaca a importância de uma eco-espiritualidade que consiga re-ligar todas as nossas experiências e nos ajude a firmar uma nova aliança com o criado e com o Criador. Esta espiritualidade, segundo L. Boff, deve passar por uma experiência global de re-ligação de todas as buscas, dos encontros e das experiências de sentido. Seu valor, na delineação da cosmologia ecológica, se dá na medida em que a espiritualidade comporta um *“verdadeiro projeto que se confronta com a lógica de morte presente no processo atual de acumulação e do mercado total, expressões organizadas e supremas de assalto à natureza e à comunidade planetária. São excludentes e produtores de um sem-número de vítimas. Hoje esta espiritualidade descobre as dimensões ecológicas e nossa espiritualidade pela paz, pela justiça e pela integridade de todo o criado. Optar pela vida implica optar pelo*

planeta Terra como um todo organizado, agredido e ferido (genocídio), para que possa continuar a existir no valor autônomo e relacionado de todos os seres existentes nele” (p.291-2).

Nosso tempo urge que uma espiritualidade ecologicamente sustentável tem a ver com um novo estilo de vida que se baseia em relações de cooperação em todas as atividades, no modo de sentir, amar e pensar como Terra.

Cap. XI: Todas as virtudes cardeais ecológicas: São Francisco de Assis

L. Boff vai buscar no modo de ser de São Francisco, um autêntico paradigma que corresponda às exigências impostas pela realidade atual.

Francisco, que nasceu em 1181, em Assis, foi capaz de inaugurar, a seu tempo, um novo paradigma de vivência da utopia cristã. Sua vida foi alimentada por uma espiritualidade marcada pelo resgate dos direitos do coração, na centralidade do sentimento, na importância da ternura nas relações humanas e cósmicas. São exemplos para se pensar uma fraternidade a partir dos últimos, na construção de uma democracia cósmica.

Seu estilo de vida é, para hoje, uma imagem do ser humano moderno. Ele soube integrar a síntese entre a ecologia exterior e a ecologia interior. Eros e Ágape.

Na sua conclusão, o autor confronta os dois paradigmas: aquele que coloca o ser humano sobre a natureza como senhor e o outro que o coloca com a natureza na relação de comunhão. Para ilustrar esses dois modelos, ele apresenta o belíssimo relato do cacique Seattle da tribo dos Duwamish, proferido diante de Isaac Stevens, então governador do território de Washington em 1856.

A obra é bastante interessante pela pertinente abordagem atual que traz, pela forma metodológica discursiva de análise, de confrontos e de delineações prospectivas que traça e de como ela é apresentada sistematicamente. O autor consegue com muita propriedade manter uma unidade epistemológica ao tratar das questões que ele aí desenvolve.

Ao partir de dados bem concretos como a crise ecológica que atinge a vida dos pobres e do planeta, o autor desenvolve toda uma

reflexão bastante abrangente que lança perspectivas muito interessantes e pertinentes, como caminhos para a superação da atual crise civilizacional que enfrentamos e sentimos. Seu livro é uma magnífica obra que consegue, com muita perspicácia e sensibilidade, traduzir os “gritos” daquelas realidades mortalmente ameaçadas, e que poucos hoje reconhecem a gravidade que nos envolve a todos.

Pode-se dizer que é uma obra paradigmática, pois atinge todas aquelas instâncias dos conhecimentos e dos níveis de comportamento humano.

Outro dado que torna a obra de insigne valor, está na sua argumentação proveniente das contribuições das ciências como a física quântica, a biologia, a astrofísica, que dão empiricidade à abordagem que o autor desenvolve, naquilo que ele defende como sendo a nova cosmologia moderna e, à sua tese central, sobre a qual desenvolve sua teoria do paradigma ecológico. Seu otimismo é perceptível ao ver com esperança o despontar de uma nova era civilizacional planetária e ecológica que marcará os novos rumos da humanidade.

O novo modelo cosmológico que se apresenta, também chama a atenção da reflexão teológica. O autor trabalha várias categorias teológicas redimensionadas a partir dessa nova narrativa: resgate do sagrado, nova imagem de Deus, uma compreensão ampliada e cósmica do mistério cristão e uma nova espiritualidade, tão bem desenvolvidas por sua constante sensibilidade teológica.

O livro traz muitas informações relevantes que precisam ser bem compreendidas para darmos conta da profundidade epistemológica e relevância social que elas apresentam. Vale a pena conferir!

***Amarildo Marçoli cursa o 4º ano de Teologia
no ITCR da PUC-Campinas.***

The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every entry should be supported by a valid receipt or invoice. This ensures transparency and allows for easy verification of the data. The text also mentions that regular audits are necessary to identify any discrepancies or errors in the accounting process.

Furthermore, it is crucial to keep the accounting system up-to-date with the latest regulations and standards. This involves continuous learning and staying informed about changes in tax laws and financial reporting requirements. The document suggests that companies should invest in training for their accounting staff to ensure they are equipped with the necessary skills and knowledge.

In addition, the text highlights the significance of maintaining a clear and organized chart of accounts. This helps in categorizing transactions correctly and facilitates the preparation of financial statements. It also notes that the use of modern accounting software can greatly enhance efficiency and accuracy in record-keeping.

The document also touches upon the importance of timely reporting. Financial statements should be prepared and reviewed regularly to provide a clear picture of the company's financial health. This allows management to make informed decisions based on the most current data available. It also mentions that timely reporting is essential for meeting legal obligations and maintaining the trust of stakeholders.

Finally, the text concludes by stating that a robust accounting system is fundamental for the long-term success of any business. It encourages companies to adopt a proactive approach to accounting, focusing on prevention rather than just correction. By following these guidelines, businesses can ensure their financial records are accurate, reliable, and compliant with all relevant regulations.